

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS - CLA

GABRIELA MANSSOUR DUARTE FERREIRA

DEPENDÊNCIA, PÊNDÊNCIA E INDEPENDÊNCIA: uma análise da nova
formação de identidade de Giovanna em *A vida mentirosa dos adultos*, de Elena
Ferrante

RIO DE JANEIRO

2023

GABRIELA MANSSOUR DUARTE FERREIRA

DEPENDÊNCIA, PENDÊNCIA E INDEPENDÊNCIA: uma análise da nova
formação de identidade de Giovanna em “A vida mentirosa dos adultos”, de Elena
Ferrante

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à
Faculdade de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciando em Letras
Português/Literaturas

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires

RIO DE JANEIRO

2023

GABRIELA MANSSOUR DUARTE FERREIRA

DEPENDÊNCIA, PENDÊNCIA E INDEPENDÊNCIA: uma análise da nova
formação de identidade de Giovanna em “A vida mentirosa dos adultos”, de Elena
Ferrante

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à
Faculdade de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito parcial à
obtenção do título de Licencianda em Letras
Português/Literaturas

Aprovada em: 12/01/2024

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires (Orientador)
Faculdade de Letras/UFRJ

Prof. Dr. Enrique Menezes (Leitor Crítico)
Faculdade de Letras/UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

M383d Manssour Duarte Ferreira, Gabriela
DEPENDÊNCIA, PENDÊNCIA E INDEPENDÊNCIA: uma
análise da nova formação de identidade de Giovanna
em A vida mentirosa dos adultos, de Elena Ferrante
/ Gabriela Manssour Duarte Ferreira. -- Rio de
Janeiro, 2023.
36 f.

Orientador: Carlos Eduardo de Barros Moreira
Pires.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Elena Ferrante. 2. Análise de Personagem. 3.
Identidade. I. de Barros Moreira Pires, Carlos
Eduardo, orient. II. Título.

Dedico esta monografia à minha mãe, Claudia
Manssour Duarte Ferreira, que é uma lutadora
assim como as mulheres ferrantianas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a meu orientador, Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires, por ter me guiado nessa jornada ritualística que é a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso e por ter paciência com todas as minhas dúvidas acadêmicas.

Fazer um Trabalho de Conclusão de Curso não é fácil. Por isso, agradeço fortemente ao apoio dado pelo meu pai, Marcelo dos Santos Ferreira, e pelos meus avós, Marlene Manssour Duarte e Nelson de Paiva Duarte, que fizeram seu melhor para me apoiar. Faço, também, uma menção honrosa a meus amigos, Leonardo Bernardes da Cunha Silva, Nathália Costa Barroso e Sidney Sant'Anna dos Santos Junior por não desistirem da minha amizade, apesar de ter ficado um pouco ausente nesse período de elaboração.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a meu namorado, Audrey Wallace da Costa Barros, por ter se aventurado a ler *A vida mentirosa dos adultos* e ter dado seu melhor para me auxiliar e me apoiar.

RESUMO

FERREIRA, Gabriela Manssour Duarte. **Dependência, Pendência e Independência:** uma análise da nova formação de identidade de Giovanna em “A vida mentirosa dos adultos”, de Elena Ferrante. Monografia – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

Publicado em 2019, "A Vida Mentirosa dos Adultos" relata a tumultuada transição de Giovanna da infância para a adolescência, deixando-a perdida em meio à intrincada rede de mentiras e manipulações dos adultos ao seu redor. Nesse contexto, o propósito central desta monografia é analisar o desenvolvimento da autonomia da identidade da protagonista. O estudo visa compreender até que ponto ela consegue superar o "emaranhado de dor" que permeia suas memórias, revelando a intrincada interseção entre suas experiências pessoais e a construção de sua identidade. Ao explorar as nuances dessa transição, a pesquisa busca desvendar como Giovanna enfrenta as adversidades, examinando os elementos que contribuem para sua formação individual. A metodologia adotada envolve a análise do desenvolvimento da personagem ao longo da narrativa, explorando suas complexidades e fases de transformação, nomeadas ao longo das partes desta pesquisa como “Dependência”, “Pendência” e “Independência”. A pesquisa demonstra que, em boa medida, a personagem conseguiu se libertar das expectativas alheias, embora continue a lidar com conflitos internos, diferenciando-se, assim, de outras protagonistas ferrantianas.

Palavras-chave: Identidade, Análise de personagem; Elena Ferrante

ABSTRACT

Published in 2019, "The Lying Life of Adults" recounts Giovanna's tumultuous transition from childhood to adolescence, leaving her lost amid the intricate web of lies and manipulations of the adults around her. In this context, the central purpose of this monograph is to analyze the development of Giovanna's identity autonomy. The study aims to understand to what extent the protagonist can overcome the "tangle of pain" that permeates her memories, revealing the intricate intersection between her personal experiences and the construction of her identity. By exploring the nuances of this transition, the research seeks to uncover how Giovanna faces adversity, examining the elements that contribute to her individual formation. The methodology adopted involves the analysis of the character's development throughout the narrative, exploring its complexities and phases of transformation, named throughout the parts of this research as "Dependence", "Pendency" and "Independence". The research demonstrates that the main character largely managed to free herself from other people's expectations, although she continues to deal with internal conflicts, thus differentiating herself from other Ferrantian protagonists.

Keywords: Identity; Character's Development ; Elena Ferrante.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A DEPENDÊNCIA	14
2.1	GIOVANNA ANTES DE VITTORIA	14
2.2	VITTORIA: ANFITRIÃ DE UMA NOVA REALIDADE.....	17
2.3	A FASE DE MELANCOLIA E REBELDIA DE GIOVANNA.....	19
3	A PENDÊNCIA	23
3.1	PAIXÃO (E REDENÇÃO?).....	23
3.2	ROBERTO E GIULIANA: UM CASAL PERFEITO OU UMA ENCENAÇÃO?	24
3.3	A VIAGEM A MILÃO.....	26
3.4	AS MANIPULAÇÕES DE ENZO, ANDREA E ROBERTO EM PERSPECTIVA	28
4	A INDEPENDÊNCIA	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS.....	36

Para tolerar a existência, mentimos, sobretudo a nós mesmos. [...] As mentiras nos protegem, atenuam a dor, permitem que evitemos o susto de refletir seriamente, diluem os horrores do nosso tempo, salvam-nos até de nós mesmos.(Ferrante, 2017, local.1006)

1 INTRODUÇÃO

Com a criação de narrativas focadas em personagens profundas e tramas psicológicas complexas, Elena Ferrante inegavelmente conquistou diversos leitores ao redor do mundo, apesar de suscitar divergentes perspectivas no meio acadêmico. Pouco se sabe sobre a pessoa por trás do pseudônimo, que afirma que possui receio de que a mídia, “desprovida em sua natureza atual de um verdadeiro ‘interesse público’, estaria propensa a atribuir de modo desleixado um aspecto privado a um objeto que nasceu exatamente para dar um significado menos circunscrito à experiência individual”. (Ferrante, 2017, local.733) A ausência de seu verdadeiro nome e o sucesso de vendas, no entanto, magnetiza cada vez mais pesquisadores do meio literário. Seus primeiros três romances publicados — *L'Amore Molesto* (1992); *I Giorni dell'Abbandono* (2002) e *La Figlia Oscura* (2006) — são considerados (pelo menos até o presente) romances de enredo finalizado em apenas um volume. No entanto, suas obras mais conhecidas e aclamadas são os livros da Tetralogia Napolitana, — intitulados e publicados no Brasil como *A Amiga Genial* (2015); *História do Novo Sobrenome* (2016a); *História de Quem Vai e de Quem Fica* (2016b); e *História da Menina Perdida* (2017) — que contam a história da amizade entre Elena Grecco (Lenu) e Rafaella Cerullo (Lila) desde a infância até a velhice e perpassando diversas reflexões sobre evolução pessoal, machismo, relações amorosas, maternidade e conflitos familiares.

Em 2019, Ferrante lança *A vida mentirosa dos adultos*, que acompanha a árdua saída da infância da jovem Giovanna para a adolescência. A perda da inocência e da dependência da atribuição de visão dos pais em relação ao mundo faz com que haja o surgimento de uma nova personalidade, que procura transcender as tentativas de “moldagem” de sua identidade. É pensando nisso que o presente trabalho procura questionar se a protagonista conseguiu transcender ou não essa emancipação da sua personalidade, tendo como objetivo principal interpretar de que forma os acontecimentos da vida de Giovanna moldaram o desenvolvimento de uma nova individualidade. Para isso, torna-se necessário identificar as fases de formação dessa nova identidade, analisar cada uma delas e compreender se a protagonista conseguiu superar as expectativas alheias ou não.

Na obra analisada, a questão central é a explicitação de como os adultos manipulam uns aos outros em prol de seus interesses, explicitando complexas relações interpessoais. Pensando nisso, essa pesquisa auxiliará a entender como os acontecimentos da vida de Giovanna forjaram uma identidade que não depende mais das expectativas impressas sobre ela quando era uma

pré-adolescente. Além disso, poderá contribuir para uma futura investigação sobre a construção das personagens ferrantianas e seus conflitos internos, contribuindo para futuras pesquisas. Analisaremos o desenvolvimento e a caracterização de Giovanna ao longo da narrativa, explorando suas complexidades e fases de transformação.

O trabalho será dividido em três capítulos correspondentes às fases de evolução de Giovanna. O primeiro se chama “A dependência” devido a visão de mundo ainda muito vinculada à dos pais (Andrea e Nella) e a da tia (Vittoria), seja ela comandada pelo amor ou pelo ódio em relação a esses membros da família. Na primeira subseção, abordaremos o contexto inicial da vida da protagonista antes de conhecer Vittoria, irmã e “inimiga” de Andrea, no qual os pais ainda possuem domínio total sobre a filha, além de mencionarmos rapidamente como o uso do dialeto influencia a expressão das emoções nas obras ferrantianas (Cavanaugh, 2016, p.46). Na segunda, caracterizamos os comportamentos de Vittoria e como essa personagem influencia a protagonista nessa fase com o seu desejo de controle sobre as pessoas que ela (Vittoria) sente afeição. A última subseção deste capítulo analisa a melancolia de Giovanna em resposta aos eventos caóticos que marcaram sua entrada na adolescência, explicando qual é o contexto pré-paixão platônica por Roberto.

Ao substituir o desejo de agradar a família pelo de agradar a Roberto, um jovem professor universitário, noivo de outra mulher (Giuliana), Giovanna entra em uma fase de dependência — título do segundo capítulo — visto que é um momento intermediário em que se liberta da necessidade de atender as expectativas de sua família, porém depositando-as em uma idealização de salvação através do amor por ele. A relação dos noivos parece perfeita, mas possui diversos problemas, o que nos permitiu observar uma clara desproporção entre os sentimentos do casal e uma revelação que faz com que a protagonista mude o rumo que estava permitindo que sua vida levasse. Retomaremos brevemente uma cena de *História do Novo Sobrenome* (2016b), segundo romance da Tetralogia Napolitana para uma rápida comparação dos destinos de Giovanna e Lenu, além de recorrermos a Bourdieu (2023) para esclarecer a engrenagem das manipulações das personagens masculinas do livro.

Enquanto isso, “A independência”, analisará o desfecho sob um ponto de vista de uma suposta emancipação da protagonista. Para isso, é importante termos em mente a resposta¹ de

¹ A seção desta resposta em *Frantunmaglia* (2017) tem a seguinte nota: “As cartas aqui reproduzidas foram enviadas a Elena Ferrante pelos ouvintes de Fahrenheit, programa radiofônico dedicado a livros que vai ao ar na rádio RAI 3. A ocasião era o salão nacional das pequenas editoras, ‘Più libri, più liberi’, realizado em Roma em dezembro de 2006. As respostas de Elena Ferrante foram lidas por Concita De Gregorio, jornalista e escritora, durante o programa de 7 de dezembro, apresentado por Marino Sinibaldi” (local.2943). Percebe-se, dessa forma, que a *Tetralogia Napolitana* e *A vida mentirosa dos adultos* ainda não haviam sido publicados e, conseqüentemente, Lenu e Giovanna ainda não haviam sido criadas.

Ferrante ao questionamento de uma leitora em relação ao sofrimento das personagens Delia (de *L'Amore Molesto*), Olga (de *Giorni dell'Abbandono*) e Leda (de *La Figlia Oscura*):

a dor de Delia, Olga e Leda é o fruto de uma desilusão. O que elas esperavam da vida — são mulheres que tentaram romper com a tradição de suas mães e avós — não se concretiza. Em vez disso, concretizam-se velhos fantasmas, os mesmos com os quais as mulheres do passado se depararam. A diferença é que elas não os suportam passivamente. Lutam e dão conta deles. Não vencem, mas simplesmente chegam a um acordo com as próprias expectativas e encontram novos equilíbrios. Eu não as sinto como mulheres sofredoras, e sim como mulheres que lutam (Ferrante, 2017, p. 219).

Considerando essa afirmação, investigaremos nesta pesquisa se Giovanna “venceu” ou não esses fantasmas e, caso tenha “vencido”, em que medida ela conseguiu isso.

2 A DEPENDÊNCIA

2.1 GIOVANNA ANTES DE VITTORIA

Antes do enredo começar a se desenvolver propriamente, Giovanna ressalta logo no primeiro capítulo que escapou de uma espécie de “sentença” que foi proferida em Via San Giacomo di Capri, no apartamento em que morava com seus pais, Andrea e Nella, que ainda estavam juntos. A frase dita por seu pai foi que ela estava começando a se parecer com sua tia Vittoria. Essa afirmação fará com que ela entre em uma jornada de descobertas que irão afetar sua vida emocional durante uma parte considerável de sua adolescência.

Ao entrarmos na narrativa, Giovanna diz (no pretérito) que amou muito Andrea, que costumava ser um homem gentil e que a fazia acreditar que ela era indispensável na vida dele. Ela também conta que seu pai, apesar de sempre ser afetuoso com ela, parecia possuir mais duas “vozes”, que utilizava apenas com adultos:

Às vezes, quando algo o envolvia muito, acabava somando com agitação discursos finíssimos a emoções descontroladas. Em outras, ao contrário, dava um corte seco e recorria a frases breves, de extrema precisão, tão densas que ninguém retrucava mais (Ferrante, 2020, p.11).

Retornando ao início, Giovanna conta que a “sentença” foi proferida após Andrea descobrir que ela estava indo mal na escola, enquanto ele discutia com Nella. Segundo a filha, ele estava utilizando o dialeto napolitano, considerado algo decadente na casa deles. É válido ressaltar que os estudos são considerados o caminho da salvação e do sucesso pelos pais da protagonista e que as emoções devem ser sempre deixadas de lado. A crença deles nisso é tão forte que chega a negligenciar as verdadeiras emoções da filha. Assim, após sermos apresentados à Vittoria em capítulos posteriores, percebemos que Andrea estava atribuindo o fracasso escolar de Giovanna a um insucesso geral. No entanto, ainda com treze anos e com a visão manipulada do mundo (como se estivesse em uma espécie de um casulo protetor), a protagonista começa a acreditar que o pai está dizendo que ela está ficando feia e má, já que essa é a visão que os pais transmitiram de Vittoria:

O nome Vittoria, na minha casa, soava como o de um ser monstruoso que mancha e infecta os que toca. Eu sabia pouco ou nada sobre ela, só a vira raríssimas vezes, mas — essa é a questão —, daquelas ocasiões, eu só recordava o asco e o medo. Não o asco e o medo que poderia ter me causado minha tia em carne e osso, eu não tinha nenhuma lembrança dela. O que me assustava eram o asco e o medo que meus pais sentiam. Meu pai, desde sempre, falava obscuramente da irmã, como se ela praticasse

ritos vergonhosos que a emporcalhavam, que emporcalhavam qualquer pessoa a seu lado (Ferrante, 2020, p.13).

Nos próximos capítulos, descobrimos que Giovanna quase nunca saía de seu círculo social, composto basicamente por Andrea, Nella e o casal de amigos de seus pais (Constanza e Mariano) e suas filhas (Ida e Angela), sendo essas duas últimas caracterizadas como meninas educadas para pensarem e se comportarem como Giovanna:

Nós três, por exemplo, não havíamos sido batizadas e não sabíamos rezar, nós três fomos precocemente informadas sobre o funcionamento do nosso organismo (livros ilustrados, vídeos didáticos com desenhos animados), nós três sabíamos que devíamos nos sentir orgulhosas por termos nascido mulher, nós três entramos para a primeira série não aos seis anos, mas aos cinco, nós três nos comportávamos sempre de maneira ajuizada, nós três tínhamos na cabeça uma densa retícula de conselhos úteis para fugir das armadilhas de Nápoles e do mundo, nós três podíamos nos dirigir aos nossos pais a qualquer momento para satisfazer nossas curiosidades, nós três líamos muitíssimo, nós três, enfim, sentíamos um ponderado desprezo pelo consumo e pelos gostos das meninas da nossa idade, embora, encorajadas pelos nossos próprios educadores, fôssemos muito bem- informadas sobre músicas, filmes, programas de televisão, cantores, atores e, em segredo, quiséssemos nos tornar atrizes de grande fama, com namorados fascinantes com quem trocaríamos longos beijos e contatos entre o nosso sexo e o deles. [...]De maneira que, pelo que me lembro, entre mim e elas não havia dissabores e, mesmo quando ocorriam, sabíamos conversar com franqueza e fazer as pazes (Ferrante, 2020, p.28).

Além de tudo isso, Giovanna conhece apenas as regiões mais abastadas de Nápoles, desconhecendo totalmente a Zona Industrial, onde Andrea e Vittoria nasceram e onde Vittoria vive até “hoje”. Percebemos que ela possui uma visão selvática das regiões que não são conhecidas, o que gera desconforto nela. É importante mencionar que a questão geográfica é, em boa medida, indicativo de lugares sociais distintos: as personagens que residem na parte mais alta de Nápoles seriam mais abastadas, respeitadas, cultas e racionais do que aquelas da Zona Industrial, que falam utilizando o dialeto e tomam decisões mais violentas e impulsivas.

A questão do uso do dialeto vs. do italiano formal é, na verdade, algo recorrente nas obras de Ferrante. Em um estudo sobre o uso do dialeto na Tetralogia Napolitana, Cavanaugh (2016, p.46) explica que

Ferrante exploits the rich semiotic potentials of Italian and dialect to situate characters in time and space, enhance the emotional stances of those characters, and highlight the conflicts among friends and kin that drive her narrative².

² Ferrante explora os ricos potenciais semióticos do italiano e do dialeto para situar personagens no tempo e espaço, aprimorar as expressões emocionais desses personagens e destacar os conflitos entre amigos e parentes que impulsionam sua narrativa (tradução da autora).

Além disso, “across Ferrante’s novels, dialect is also often associated with emotion and its expression: intimate emotion, but also often negative emotion”³ (CAVANOUGH, 2016, p.59).

Em *A vida mentirosa dos adultos*, conseguimos encontrar essas questões de maneira explícita, em especial nesse momento, pois apesar de Andrea ter crescido no Pascone, ele tenta camuflar suas origens através de um italiano hipercorreto. No entanto, quando suas emoções negativas vêm à tona, ele começa a revelar seu lado selvagem, o que assusta Giovanna, acostumada com essa distância emocional presente na linguagem do pai.

Todas essas questões trazem insegurança para a protagonista, ainda manipulada pelo desconhecimento de quem realmente é a tia, caracterizada pelos pais como uma espécie de bicho-papão. Enquanto isso, eles dois se colocam como protetores de Giovanna quando na verdade estão privando a filha de conhecer sua família e formar sua própria opinião sobre a briga de Andrea e Vittoria. Apenas quando perceberam que a imagem de bons pais estava ameaçada, eles acabam permitindo que Giovanna visite a tia, apesar de permanecerem com a colocação de que Vittoria é um monstro:

lembre-se disto, Giovanna. Sua tia gosta de me ferir. Tentei argumentar de todas as maneiras, a ajudei, a favoreci, dei a ela todo o dinheiro que eu podia. Nada adiantou. Ela entendeu todas as minhas palavras como uma forma de opressão, considerou uma afronta toda a minha ajuda. É orgulhosa, é ingrata, é cruel. Então vou logo avisar: ela vai tentar me roubar o seu afeto, vai usar você para me ferir. Já usou nossos pais, nossos irmãos, nossos tios e primos com esse objetivo. Da minha família de origem, por culpa dela, ninguém me ama mais. E você vai ver que ela vai tentar conquistar você também. Essa possibilidade — disse, tenso como eu quase nunca o vira — é intolerável para mim. — E suplicou, realmente suplicou, unindo as mãos em prece e as fazendo-as oscilar para a frente e para trás, que eu acalmasse minhas aflições, porque eram sem fundamento algum, mas que eu não desse atenção a ela, que eu pusesse cera nos ouvidos como Ulisses (Ferrante, 2020, p.51).

É com o encerramento dessa parte que somos apresentados à Vittoria, que funciona, de certa forma, como uma anfitriã de uma nova realidade, distante da que Giovanna conhecia com os pais.

³ Ao longo dos romances de Ferrante, o dialeto também é frequentemente associado à emoção e sua expressão: emoção íntima, mas também frequentemente emoção negativa

2.2 VITTORIA: ANFITRIÃ DE UMA NOVA REALIDADE

O primeiro capítulo da segunda parte se inicia com a confissão “aprendi a mentir cada vez mais para meus pais”, quebrando a expectativa do desenvolvimento mais linear da narrativa. Assim, Giovanna começa a contar a conversa que teve com o seu pai após a visita à tia. Ele pergunta sobre o que elas conversaram e Giovanna se limita a frases curtas e diretas, encerrando o assunto com “não quero mais vê-la” (Ferrante, 2020, p.63). No entanto, no capítulo seguinte, a protagonista afirma que, apesar de se assustar com a ideia de ver Vittoria novamente, descobrimos que ela já tinha marcado um segundo encontro com a tia e que estava mentindo para o pai porque estava com medo de sua reação.

Desde sua chegada na casa da tia, Giovanna coloca o que parece ser a dicção da tia com verbos no imperativo e comparações com situações de dominação que mostram a força e o controle que Vittoria emana:

Vejo quando ela apareceu na minha frente vestida de azul-celeste, vejo quando ela me disse naquele seu dialeto estridente: feche a porta, já me dando as costas como se eu não pudesse fazer outra coisa além de segui-la.[...] Fechei a porta atrás de mim, fui atrás dela como se me puxasse por uma coleira.
[...]
Impôs-me uma cadeira, mudou de ideia, disse que estava quebrada, impôs-me outra (Ferrante, 2020, p.65).

Já nesse primeiro contato a tia faz o que o pai falou: tentar colocar Giovanna contra os pais (apesar de isso ainda não ser bem-sucedido inicialmente), afirmando que

eu não sou como seu pai, que é apegado a dinheiro, a coisas; eu não dou a mínima para objetos, eu amo as pessoas e, quando você nasceu, pensei: vou dar a pulseira⁴ para a menina, ela vai usar quando crescer, até escrevi no bilhete para os seus pais — para quando ela for grande —, e deixei tudo na caixa de correio de vocês, imagine se eu ia subir, seu pai e sua mãe são animais, teriam me expulsado. (Ferrante, 2020, p. 66)

No momento apresentado acima, Vittoria faz uma espécie de inversão dos rótulos que foram atribuídos a ela pelos pais de Giovanna. Conforme afirma Mello (2021, p.149), “da perspectiva de Vittoria, os pais de Giovanna são esnobes que, ao ascenderem socialmente, passaram a dissimular hipocritamente suas origens humildes e a esconder, sob seu italiano

⁴ A pulseira, roubada da mãe de Margherita por Enzo e dada para a mãe de Vittoria, é quase como um símbolo de discórdia ao longo do enredo. É um objeto no qual Giovanna deixa no apartamento de Rosario no final do livro, como uma espécie de livramento.

aparentemente castiço, as antigas modulações dialetais”. Depois, quando a sobrinha tenta rebater, a tia segue falando mal de Andrea:

Seu pai elimina tudo o que pode ser melhor do que ele, sempre fez isso, desde pequeno. Ele acha que é inteligente, mas nunca foi inteligente: *eu* sou inteligente, ele só é esperto. **Sabe instintivamente se tornar uma pessoa indispensável.** Quando eu era pequena, o sol desaparecia se ele não estivesse. Eu achava que, se não me comportasse como ele queria, ele me deixaria sozinha e eu morreria. Assim ele me forçava a fazer tudo o que queria, decidia o que era bom e o que era ruim para mim. Só para dar um exemplo, eu nasci com a música no corpo, queria ser bailarina. Eu sabia que meu destino era aquele e só ele seria capaz de convencer nossos pais a me dar permissão. Mas, para o seu pai, ser bailarina era algo ruim, e ele não me deixou seguir minha vocação. Na opinião dele, só quem está sempre com um livro na mão merece habitar a Terra, para ele, se você não estudou, não é ninguém. Ele me dizia: que bailarina que nada, Vittoria, você nem sabe o que é uma bailarina, volte a estudar e cale a boca (Ferrante, 2020, p.68).[grifo nosso]

A ideia de se tornar indispensável é uma questão que será discutida posteriormente neste trabalho, já que é isso que move as relações de controle e manipulação do livro. Neste momento, é importante observar que há um reforço da importância que os estudos tiveram e ainda têm na vida de Andrea: isso fez com que ele conseguisse encontrar meios de se tornar indispensável na vida das pessoas que o cercam. Assim, podemos observar que ele se aproveita desse seu capital cultural para manipular as pessoas.

Apesar de lançar todas essas acusações, Vittoria convida a sobrinha para dançar a música que ela dançou com Enzo (seu falecido amante) pela primeira vez, mostrando outro lado de sua personalidade, o que atrai Giovanna: diferente do irmão, Vittoria é muito transparente em relação às suas emoções, especialmente sobre sua paixão por Enzo. Como a protagonista foi ensinada em casa para não demonstrar como ela realmente se sente, ela acaba sendo encantada pela tia:

Achei tão bonito que, depois daquela dança com Enzo, nenhum homem a agradasse. E pensei que ela devia ter guardado cada detalhe daquele seu amor irrepetível, tanto que, ao dançar comigo, talvez tivesse lembrado cada momento em sequência. Aquilo me pareceu emocionante, desejei amar também, logo, daquela maneira absoluta. Ela por certo tinha uma lembrança tão intensa de Enzo que seu organismo ossudo, seu peito, seu hálito me transmitiram um pouco de amor (Ferrante, 2020, p.72)

Ao longo dos encontros e das trocas entre Giovanna e Vittoria, começamos a perceber que a irmã de Andrea sente vontade de controlar todos ao seu redor. Ela já faz isso com Margherita (esposa oficial de Enzo), que depende financeiramente dela e permite que ela tome todas as decisões de seu lar, incluindo as escolhas que seus filhos — Corrado, Tonino e

Giuliana — fazem. Assim, amando ou não a sobrinha de verdade, infere-se ao longo da obra que Vittoria é uma mulher manipuladora que tenta colocar Giovanna contra seus pais.

Nossa, exclamava, veja, nossas mãos são iguais, e as encostava nas minhas, polegar contra polegar, seu toque me emocionava, eu sentia vontade de abraçá-la apertado ou recostar-me ao seu lado, com a cabeça sobre seu ombro, sentir sua respiração, sua voz bruta. Mas, na maioria das vezes, assim que eu dizia algo que ela achava errado, Vittoria me dava uma bronca, exclamava: tal pai, tal filha; ou zombava da maneira como minha mãe me vestia: você é grande, olha só esses peitos, você não pode sair de casa vestida de bonequinha, precisa se rebelar, Gianni, eles estão estragando você. Então recomeçava a ladainha de sempre: olhe bem para eles, olhe bem para os seus pais, não se deixe enganar (Ferrante, 2020, p.107)

É através dessas provocações que a protagonista acaba notando algo que a deixa perturbada: em um jantar na casa de Costanza e Mariano, Giovanna nota os tornozelos de Mariano apertados em volta do tornozelo de Nella, sua mãe. Com esse indício de uma possível traição, Giovanna começa a se questionar se deve contar ou não para Vittoria, pois ao mesmo tempo em que deseja desabafar, ela tem medo de que Vittoria conte para Andrea, seu pai.

Apesar de sentir medo de Vittoria relatar a possível traição a seu pai, Giovanna começa a sentir suas emoções sobrecarregadas e acaba relatando o que viu para a tia no evento da igreja. A tia, para a surpresa da sobrinha, afirma: "e você acha que seu pai dá a mínima para os tornozelos de Mariano e de Nella embaixo da mesa?" (Ferrante, 2020, p.148) O leitor acaba descobrindo apenas posteriormente a razão do deboche: quando a irmã de Andrea foi buscar Angela e Ida, Constanza (mãe das meninas) estava usando a pulseira que Vittoria tanto falava, fazendo com que a irmã de Andrea compreenda que o irmão e Constanza estavam tendo um caso, o que é confirmado nos capítulos seguintes. Além disso, descobre-se que não é algo recente; eles estão juntos há mais de quinze anos.

Magoada com tudo isso, Giovanna começa a se indagar “como era possível que meu pai, que parecia me amar desmedidamente, tivesse me privado do presente da minha tia para dá-lo a Costanza?”(Ferrante, 2020, p.170) Isso tudo faz com que Giovanna comece a se perguntar a quem ela pode se agarrar, já que todas as pessoas à sua volta “pareciam cada vez mais farinha do mesmo saco”(Ferrante, 2020, p.172). O ressentimento com toda a situação faz com que ora seja levada a um estágio melancólico, ora a um estágio de degradação e rebeldia.

2.3 A FASE DE MELANCOLIA E REBELDIA DE GIOVANNA

Não é incomum encontrarmos diversas quebras de expectativas ao longo da obra. A quebra dessa parte, no entanto, é a mais drástica da vida de Giovanna. De uma menina que

sempre buscava agradar os pais, ela acaba entrando em um processo de revolta e de ódio em relação a eles e a todas as pessoas em volta. Há a entrada no processo de degradação e apatia.

Naqueles dois anos, aconteceram muitas coisas relevantes. Quando meu pai, após ter repetido que eu era exatamente como sua irmã, desapareceu de casa pela primeira vez, pensei que o motivo fosse o asco que eu lhe causava. Magoada, ressentida, decidi que não estudaria mais. Não abri os livros, parei de fazer os deveres e o inverno passou enquanto eu procurava me tornar cada vez mais alheia a mim mesma. Eliminei alguns hábitos que ele me impusera: ler o jornal, assistir ao noticiário. Passei do branco ou cor-de-rosa para o preto, olhos pretos, lábios pretos, assim como todas as peças de roupa. Fui displicente, surda para as reclamações dos professores, indiferente em relação aos choramingos da minha mãe. Em vez de estudar, devorei romances, assisti a filmes na TV, deixei a música me ensurdecer. Vivi, sobretudo, em silêncio, poucas palavras e ponto final. Normalmente eu já não tinha amigos, fora o hábito de longa data com Angela e Ida. Mas, a partir do momento em que elas também foram engolidas pela tragédia das nossas famílias, fiquei totalmente só com minha voz que girava, inútil, na cabeça (Ferrante, 2020, p.176).

Em consequência disso, Giovanna acaba repetindo de ano na escola. Dado esse acontecimento, um dos professores fala que ela “não leva jeito” para os estudos clássicos, fazendo com que Giovanna confesse mentalmente: “agora que eu havia crescido, agora que eu não era mais um fantoche, sentia que não levava jeito para nada: eu não era inteligente, não era capaz de ter bons sentimentos, não era bonita, não era nem mesmo simpática (Ferrante, 2020, p.179). Quando ela percebe que seus pais estavam envergonhados do seu desempenho, ela ainda acrescenta:

Descobri que, ao contrário, queria que todos soubessem, aquela reprovação, no fim das contas, era meu único sinal de distinção. Eu esperava que minha mãe contasse aos seus colegas na escola, às pessoas para as quais ela corrigia provas de livros e escrevia, e que meu pai — especialmente meu pai — comunicasse a notícia às pessoas que o estimavam e amavam: Giovanna não é como eu e a mãe, não aprende, não se empenha, é feia por dentro e por fora como a tia, talvez vá viver com ela, que mora lá para os lados de Macello, na Zona Industrial (Ferrante, 2020, p.179).

Todo esse ressentimento faz com que ela se distancie da vida que levava antes e procure degradar-se. Um exemplo disso é a visita de Corrado a sua escola: “me parecia que Corrado havia intuído aquela minha necessidade e estava pronto para satisfazê-la sem muita lenga-lenga.” (Ferrante, 2020, p.213) É nesse momento que eles dois vão para Floridiana e Giovanna tem o seu primeiro contato sexual. No entanto, Giovanna confia para o leitor que ela não estava gostando daquele momento, gerando uma espécie de humor e quebra de expectativa:

ele me beijou, mas eu não gostei da sua língua, era grande, áspera, parecia querer empurrar a minha de volta para o fundo da garganta. Beijou-me e tocou meus seios, mas de maneira grosseira, apertou-os com força excessiva, primeiro por cima do suéter, depois tentou enfiar a mão em um dos bojos do sutiã, mas sem interesse real, logo se cansou. [...] Ao me tocar, ele me machucava, me incomodava, me dava vontade de voltar para casa e dormir. Decidi tomar conta da ação, pareceu-me uma forma de evitar que ele agisse. [...] Não sentia desejo, não me parecia uma brincadeira divertida, nem sequer estava curiosa, o cheiro que emanava daquela sua excrescência grande e dura, muito compacta, era desagradável. Ansiosa, torci para que alguém — uma mãe levando os filhos para tomar ar — nos visse da alameda e gritasse repreensões e insultos. Não aconteceu e, como ele não falava, pelo contrário, estava — me parecia — estupefato, decidi dar um beijo leve, um sutil toque com os lábios. Ainda bem, foi o suficiente (Ferrante, 2020, p. 214).

Apesar de tudo isso, Corrado propõe que Giovanna dê um passeio com ele e com Rosario (seu amigo e filho de um advogado importante) e ela acaba aceitando. Ou seja, apesar de não sentir atração por eles, ela, segundo as próprias palavras, acaba decidindo ir porque se considerava horrível e queria ser cada vez mais horrível (Ferrante, 2020, p.217). Porém, Corrado pediu que Giovanna devolvesse a pulseira para a tia, pois esta queria ostentar em um evento da paróquia. Assim, antes de concretizar sua nova transgressão, Corrado e Rosario levam Giovanna para a casa de Vittoria. A atitude de Vittoria, no entanto, surpreende a sobrinha:

Quanto mais ela falava, mais eu percebia que a devolução da joia nada mais era do que um pretexto. Vittoria tinha se afeiçoado a mim, acreditara que eu gostava dela e quis que eu fosse até lá, sobretudo, para jogar na minha cara como eu a decepcionara.

[...]

Enfim, queria me fazer entender que, se naquela interminável briga de família eu tivesse escolhido o lado certo, se eu a tivesse tratado como o único apoio que me restava, a única mestra de vida, se eu tivesse acolhido a paróquia, Margherita e os filhos como uma espécie de refúgio dominical permanente, a devolução da joia não seria essencial (Ferrante, 2020, p.223).

Isso acaba servindo como um indício da enorme capacidade de Giovanna manipular as pessoas, uma questão que não será aprofundada nesse trabalho, mas que é necessário pontuar:

E eu, ali onde estava, decidi dizer exatamente aquilo para ela. Com um breve rodeio, cheguei até a inventar que meus pais haviam me impedido de telefonar para ela, depois acrescentei que a carta dizia a verdade: a pulseira era uma lembrança muito querida de como ela me havia ajudado, salvado, encaminhado. Foi o que eu disse, com voz comovida, e me espantei de como era capaz de falar com ela de maneira tão falsamente aflita, de como escolhia com cuidado palavras de efeito, de como, em suma, eu não era como ela, mas pior (Ferrante, 2020, p.224)

Com isso, Vittoria — acreditando que está conseguindo finalmente exercer o controle sobre Giovanna — se acalma e pede para que a sobrinha vá até a paróquia com ela. No entanto,

a filha de Andrea e Nella nega e — indo encontrar os meninos — acaba sendo seguida por Vittoria, que a chantageia para ir para a Paróquia com ela ver Roberto, uma figura que era mencionada apenas “por alto” para a protagonista. No entanto, há mais uma quebra de expectativa no livro: Giovanna o conhece em carne e osso e se apaixona por ele.

assim que vi Roberto — antes mesmo que ele abrisse a boca, antes mesmo que se acendesse por causa de um sentimento qualquer, antes mesmo que pronunciasse uma palavra —, senti uma dor violentíssima no peito e soube que tudo na minha vida estava prestes a mudar, que, mesmo sem acreditar em Deus, eu teria rezado todos os dias e todas as noites para que aquilo acontecesse, e que somente aquele desejo, somente aquela esperança, somente aquela prece podiam me impedir de cair naquele momento, agora, morta no chão. (Ferrante, 2020, p.229)

É essa paixão que fará com que Giovanna passe por um momento de uma suposta redenção em relação a sua maneira de se comportar perante ao mundo. No entanto, apesar de deixar de investir seu amor/ódio em relação aos pais, ela apenas troca um objeto por outro (Roberto), permitindo que este seja seu “guia”.

3 A PENDÊNCIA

3.1 PAIXÃO (E REDENÇÃO?)

Giovanna se apaixona por Roberto desde a primeira vez que o viu fazendo o discurso na paróquia. A forma como a narradora-personagem rememora a fala dele é sintomática. Ela relata de forma fragmentária ideias que ela considerava que estavam no discurso, embora não consiga propriamente caracterizá-las. Uma palavra marca uma espécie de sensação geral da protagonista, compunção. O que ficou foi uma ideia de remorso assinalada por essa palavra, fazendo-a refletir sobre suas ações. Os dois se conhecem por meio de Vittoria e Giuliana, já noiva de Roberto, e Giovanna destaca o fato dele ser afetuoso com ela. No entanto, ela se sente confusa em relação a esse novo sentimento, já que nunca se sentiu assim antes por ninguém. Além disso, como está em uma fase de baixa autoestima intelectual, ela fica com medo de estender o assunto a ponto dele começar a achá-la ignorante. Isso faz com que ela saia da paróquia para “respirar”, aparentemente em um estado de vertigem amorosa:

Uma vez lá fora, no adro, o ar fresco me causou vertigem. Olhei à minha volta como se tivesse saído de um cinema depois de um filme fortemente instigante. Além de não saber como voltar para casa, não me importava voltar. Eu teria ficado ali para sempre: dormir embaixo do pórtico, não comer nem beber, me deixar morrer pensando em Roberto. Nenhum outro afeto ou desejo tinha importância alguma para mim naquele momento (Ferrante, 2020, p.237).

Inicia-se, dessa forma, uma nova fase na vida de Giovanna. Logo após esse momento ela transforma seus pensamentos, começando por Vittoria: “me convenci ainda mais de que ela não era um monstro vingativo, mas uma pobre mulher sozinha que desejava afeto” (Ferrante, 2020, p.238).

Há uma espécie de redenção (temporária) também em torno da mãe, em que a filha deixa de sentir raiva em relação ao seu amor por Andrea, seu ex-marido, afirmando que “sua aquiescência, de repente, começou a me agradar” (Ferrante, 2020, p.252). No entanto, Giovanna ainda possui uma certa repulsa em relação ao pai, que cada vez mais é descrito para o leitor como uma pessoa manipuladora que evita assumir responsabilidades emocionais:

Sua verdadeira condição existencial se revelava assim que ele tinha a oportunidade de se ocupar de livros, de ideias, de questões elevadas. Era o momento em que ficava evidente que ele só era infeliz quando ficava com a cabeça vazia e não conseguia esconder de si mesmo o que havia feito com minha mãe e comigo. Se, por outro lado, se dedicava a grandes pensamentos fortalecidos por livros diligentemente anotados, ficava felicíssimo, não lhe faltava nada. [...] Portanto, o que estragava os

dias do meu pai eram apenas os instantes vazios nos quais ele se via cara a cara com as suas culpas (Ferrante, 2020, p.259).

Em paralelo, Giovanna afirma que volta a estudar, a ser mais disponível para seus colegas de classe e a ser menos hostil. Ela relata que muitas vezes acabava falhando e cometendo mais abusos. No entanto, ela diz que seus colegas começaram a compreender melhor seu comportamento. Tudo isso é motivado pelo sentimento de Giovanna em relação a Roberto, descrevendo-o como uma espécie de aparição celeste em sua vida. Paixão e redenção parecem se misturar em um mesmo processo.

Após conversar com Dom Giacomo, Giovanna diz para si mesma que se sente feia e que possui um temperamento ruim, mas gostaria de ser amada. Assim, em sua linha de pensamento, para ser amada por Roberto, precisaria se tornar uma pessoa boa, além de saber como deveria se aproximar dele. Desse modo, quando Tonino (irmão de Giuliana e namorado de Angela) passa seu contato para Giuliana, ela decide se aproximar do casal.

3.2 ROBERTO E GIULIANA: UM CASAL PERFEITO OU UMA ENCENAÇÃO?

Antes de viajar com o casal para Milão, Giovanna descreve Roberto como um homem atraente e muito inteligente, além de possuir o dom da oratória. É válido ressaltar que Giovanna o conhece apenas superficialmente e muito da convicção que ela tem sobre ele é baseada em idealizações e suposições. No entanto, seu contato com Giuliana, sua noiva, é maior, permitindo que o leitor consiga observar a mudança de Giuliana ao longo do tempo.

Logo no primeiro contato com Giuliana (após o discurso de Roberto na paróquia), Giovanna relaciona a beleza da filha de Margherita a infantilidade, mas não de uma maneira propriamente pejorativa: “Impressionou-me quanto ela mudara, sua beleza me pareceu infantil. Está sem maquiagem, pensei, não tem as cores de uma mulher, e me senti pouco à vontade por causa da minha saia curta, das pálpebras carregadas, do batom, do decote” (Ferrante, 2020, p. 235).

Se pensarmos na situação em que Giovanna estava envolvida anteriormente (em que ela havia se produzido para encontrar Corrado e Rosário, marcando justamente um apelo sexual para a sedução dos dois), há uma mudança na sua forma de pensar. Depois de ser tocada pela oratória de Roberto, sai apaixonada, dando indícios de uma mudança de pensamento e de postura. O remorso, ou a compunção, parece, na voz da narradora, algo em boa medida “externo” a ela, ou uma espécie de resíduo do discurso de Roberto - o que marca, em certo sentido, os limites de uma possível (mas não realizada) redenção.

Pensando no trecho anterior, essa linha de pensamento de Giovanna, ligada à beleza infantil, remete a uma colocação de Dom Giacomo em capítulos anteriores, ao falar com a pequena Ida que as crianças podem dizer e fazer o que quiserem, pois permanecem sempre inocentes. Assim, Giuliana é vista como uma mulher linda e angelical por Giovanna, especialmente em relação a como ela era antes, uma garota com olhos maquiados e cores vivas. Por isso, quando a narradora chega em casa nesse mesmo dia, ela troca a roupa chamativa por uma blusa branca e jeans, marcando o fim da sua fase melancólica.

A mudança da Giuliana é atribuída (na mente de Giovanna) ao amor por Roberto.

Percebi que eu a invejava, seu corpo impecável em um vestido bege e seu rosto limpo propagavam uma força alegre à sua volta. Mas, quando eu a conhecera, aquela energia se exprimira com uma voz alta e gestos excessivos; naquele momento, contudo, Giuliana estava composta como se o orgulho de amar e de ser amada tivesse amarrado com fios invisíveis a exuberância dos modos (Ferrante, 2020, p.236).

A própria Giuliana confirma que Roberto faz com que ela própria queira mudar

Digamos que, estando perto dele, senti, e sinto, a vontade de mudar. Claro, a primeira pessoa a perceber que eu estava mudando foi Vittoria, ela não suporta que não sejamos totalmente dependentes dela e ficou com raiva, disse que eu estava me idiotizando, que não comia e estava ficando igual a um cabo de vassoura.[...]da última vez que Roberto foi ao Pascone, ela o enfrentou e disse: você nasceu nestas casas, cresceu nestas ruas, Milão veio depois, é para cá que você tem que voltar (Ferrante, 2020, p.294).

Conforme citado, apesar da aparente tranquilidade, Giuliana é constantemente manipulada por Vittoria a pressionar Roberto para que eles permaneçam em Nápoles após o casamento. No entanto, esse não é o desejo de Giuliana, que quer de fato se mudar para Milão com ele. Nesse momento, percebemos que a filha de Margherita enxerga em Roberto uma espécie de ascensão social e que esse desejo faz com que ela se desgaste emocionalmente por medo de perder o noivo para outra mulher.

Com essas questões acumulando ao longo da narrativa, Giuliana acaba se sentindo cada vez mais insegura da sua relação com Roberto e é cada vez mais influenciada pelas manipulações de Vittoria:

- Os homens, bons ou ruins, basta encostar neles e o que eles querem é foder.
- Quem disse isso para você foi Vittoria, mas é bobagem.
- Vittoria diz coisas feias, mas não bobagens.
- De qualquer maneira, é melhor você confiar em Roberto, ou vai ficar mal.

— Já estou péssima, Gianni. (Ferrante, 2020, p.350)

Roberto, por sua vez, enxerga seu casamento com sua noiva como uma espécie de dívida com o Pascone (seu bairro de procedência). Diferentemente de Andrea, que deseja apagar completamente suas origens, Roberto vê em Giuliana uma espécie de lembrete de seu local de origem: “quero me casar com Giuliana porque ela é a encarnação da minha própria dívida” (Ferrante, 2020, p. 353). Podemos observar que ele parte do princípio de que, ao ascender, tem-se um débito a pagar para o local de origem, como uma espécie de trato em que a noiva representasse esse reconhecimento.”

Percebemos, dessa forma, que as motivações desse relacionamento são frágeis, criando rachaduras, que se tornaram mais explícitas na viagem a Milão, na qual Giovanna acompanhará Giuliana .

3.3 A VIAGEM A MILÃO

Durante boa parte da viagem, Giuliana fica angustiada em diversas situações, mas parece se esconder atrás de uma encenação de um relacionamento perfeito. Desde o momento em que ela e Giovanna estão no trem, por exemplo, Giovanna nota que Giuliana parecia sufocada de aflição e que ela não foi ao banheiro nem uma vez durante a noite. No entanto, pouco antes da chegada, a filha de Margherita “ficou lá trancada por muito tempo uma hora antes da chegada e voltou penteada e maquiada com leveza, havia até trocado de roupa” (Ferrante, 2020, p.365). Em outro momento, já no apartamento de Roberto, a protagonista afirma que a amiga estava adotando uma postura firme em relação às situações da vida do noivo. No entanto, quando este acabava se opondo a alguma ideia dela, ela acabava mudando drasticamente de opinião.

Quando Roberto leva Giovanna e Giuliana para dar um passeio pelo centro de Milão, a protagonista afirma que ele “conhecia tudo de Milão e se esforçou muito para nos mostrar os monumentos essenciais e contar sua história com um tom um pouco pedante” (Ferrante, 2020, p.372), fazendo com que Giovanna comece a se lembrar dos passeios instrutivos que fazia com seu pai, o que a faz pensar “Roberto [...] nada mais é do que meu pai como jovem, ou seja, uma armadilha?”(Ferrante, 2020, p.372).

Mais à frente, no jantar do grupo de trabalho, conseguimos perceber que Giovanna não estava errada pelo poder de oratória de Roberto:

Logo percebi que nenhum daqueles jovens estava ali pelo prazer de estar juntos. Por trás dos bons modos, havia tensões, inimizades, e, se pudessem, eles certamente teriam passado a noite de outra maneira. Mas já enquanto Roberto começava a falar,

criou-se entre os comensais uma atmosfera semelhante à que eu vira nascer entre os paroquianos na igreja do Pascone. O corpo de Roberto — voz, gestos, olhar começou a agir como uma cola e, ao vê-lo entre aquelas pessoas que o amavam tanto quanto eu, e se amavam entre si só porque o amavam, de repente eu mesma me senti parte de uma reação inevitável de entrosamento (Ferrante, 2020, p.376).

Nesse mesmo jantar, após Michela (a mulher de quem Giuliana sentia ciúmes) relatar uma situação de abuso, Giuliana acaba proferindo uma frase que não era adequada em uma mesa repleta de intelectuais — “Se você tivesse dado uma facada nele, teria resolvido tudo” (Ferrante, 2020, p.379) — gerando tensão na mesa do restaurante. Esse acontecimento parece evidenciar ainda mais a inadequação da filha de Margherita em relação ao mundo intelectual de Roberto, que por sua vez tenta amenizar a fala da noiva como se estivesse envergonhado das suas palavras selváticas. Em contraste, Giovanna parece se adequar mais àquele ambiente do que Giuliana, lançando uma resposta a Michela que a “desarma” e deixa Roberto orgulhoso, transmitindo ao leitor uma sensação de que Giovanna é a mulher que deve estar ao lado dele e não Giuliana.

Após a discussão ser desmanchada com o parabéns para Giovanna, a protagonista e o casal voltam para o apartamento. De maneira implícita, entende-se que Roberto e Giuliana tiveram relações sexuais, o que deixa Giovanna agoniada e triste, assim como Lenu da *Tetralogia Napolitana*, que experencia um estado de melancolia e desejo de morte ao ir para a praia enquanto sua melhor amiga (Lila) está no quarto com o amor platônico de Lenu, Nino.

Pensei: sim, Lila tem razão, a beleza das coisas é um truque, o céu é o trono do medo; estou viva, agora, aqui, a dez passos da água, e isso não é nada belo, é aterrorizante; [...] eu; eu, que escuto o rumor do mar, que sinto a umidade e a areia fria; eu, que imagino Ischia inteira, os corpos enlaçados de Nino e Lila, Stefano [marido de Lila] dormindo sozinho na casa nova e já não tão nova, as fúrias que favorecem a felicidade de hoje para alimentar a violência de amanhã. Ah, é verdade, tenho muito medo e por isso torço para que tudo acabe logo, que as figuras dos íncubos me devorem a alma. [...] Desejo que, enquanto estou sentada aqui, na beira do mar, cheguem do meio da noite assassinos que me estraçalhem o corpo. Sim, sim, que eu seja punida por minha inadequação, que me aconteça o pior, algo de tão devastador que me impeça de enfrentar esta noite, amanhã, as horas e os dias que virão reafirmando com provas cada vez mais esmagadoras minha constituição inepta. (Ferrante, 2016, p.289).

Lenu, se sentindo vazia, acaba se entregando a Donato Sarratore (pai de Nino), apesar do asco que sente por ele, assim como Giovanna posteriormente perderá sua virgindade com Rosario. No entanto, nenhuma das duas parece ter se arrependido do ocorrido, pois sentem que se livraram de um incômodo. Porém, é válido ressaltar que Lenu consegue concretizar sexualmente sua paixão por Nino no futuro, descobrindo apenas posteriormente o alto potencial de manipulação dele, diferente de Giovanna, que acaba tendo uma espécie de catarse

antes de concretizar sua traição: ela percebe que Roberto, assim como Andrea e Enzo, é um manipulador que seduz as pessoas para conseguir o que quer e se tornar uma pessoa “indispensável” aos olhos das pessoas manipuladas por eles.

3.4 AS MANIPULAÇÕES DE ENZO, ANDREA E ROBERTO EM PERSPECTIVA

Durante a maior parte do tempo em que Roberto é mencionado no livro por Giovanna, a protagonista crê que ele é diferente da maioria dos homens que ela conhece. No entanto, o que observamos gradualmente ao longo da narrativa é que ele é, na verdade, uma versão mais jovem de Andrea e que, por sua vez, é uma versão mais refinada de Enzo. Assim, Giovanna lentamente percebe que está se tornando uma espécie de presa de Roberto, como a mãe foi por muito tempo de Andrea e Vittoria e Margherita são de Enzo, apesar de sua morte.

A história de dominação se inicia na trama com Andrea e Enzo, em que Andrea se utiliza do seu conhecimento intelectual e Enzo, do seu status como sargento de segurança pública. Com a morte dos pais, Andrea e Vittoria começam a brigar por conta do apartamento deixado por eles. Vittoria, que é empregada doméstica, pede para ficar com o apartamento. Andrea, por sua vez, deseja vendê-lo e dividir entre os cinco irmãos. Isso faz com que Enzo (que possivelmente também estava interessado no patrimônio) defenda Vittoria e seja rechaçado por Andrea, segundo o relato de Vittoria:

[Andrea a Enzo:]fique calado, você não é ninguém, não sabe juntar quatro palavras, o que você tem a ver com os meus problemas e os da minha irmã. Enzo ficou muito magoado, disse: tudo bem, vamos mandar avaliar a casa e eu tiro do meu bolso a sua parte. Mas seu pai começou a xingar, gritou: o que você vai me dar, seu babaca, você não passa de um agente da segurança pública, se arrumar o dinheiro é porque é um ladrão, um ladrão de farda. E assim por diante, entendeu? Seu pai chegou a dizer — escute bem, ele parece um homem fino, mas é um grosseirão — que ele, Enzo, além de me comer, queria também comer a casa dos nossos pais. Então Enzo disse que, se ele continuasse a falar daquela maneira, sacaria o revólver e atiraria. Disse *atiro em você* de uma maneira tão resoluta que seu pai ficou branco de medo, calou-se, foi embora (Ferrante, 2020, p. 89).

Não fica explícito para o leitor se de fato Enzo amava Vittoria ou se estava apenas interessado em seus (poucos) bens. Porém, quando descobrimos que ele roubou a pulseira da mãe de Margherita para dar à mãe da amante com o conhecimento de Vittoria, percebemos que ele realmente não é um homem honesto, assim como Vittoria não é tão honesta quanto diz ser, afirmando até o final do livro que a pulseira era mesmo de sua mãe. Além disso, é

possível notar que Vittoria se utiliza da jóia para conseguir manter Giuliana e Giovanna sob seu controle.

Na continuação de seu relato, Vittoria acrescenta:

ele [Andrea] foi direto até a mulher de Enzo e, na frente dos três filhos, disse: Margherì, seu marido está trepando com a minha irmã. Foi isso o que ele fez, foi essa responsabilidade que ele assumiu, acabando com a minha vida, a de Enzo, a de Margherita e a daquelas três crianças pequenas (Ferrante, 2020, p.90)

Quando Giovanna pergunta para Vittoria a causa da morte de Enzo, a tia responde que ele morreu de desgosto pelo ocorrido. Na realidade, o leitor fica sem saber o que matou Enzo de fato. Porém, tanto Giovanna quanto o leitor são expostos a um lado oculto de Andrea até então; um Andrea que utiliza “comer” e “trepando” de maneira pejorativa e adjetivos como “babaca”. Isso nos mostra que, por trás da aparência de homem culto, esta personagem possui um lado selvagem assim como a irmã. No entanto, enquanto Vittoria não esconde (pelo contrário, parece cada vez mais expor) esse lado, Andrea tenta escondê-lo debaixo de um italiano límpido e conquistas intelectuais, sentindo-se superior a ela. Por outro lado, Andrea rouba a pulseira que deveria ter sido dada a Giovanna para dá-lo para a amante, mostrando uma certa hipocrisia no seu julgamento em relação a Enzo.

Andrea, na verdade, foi demonstrando ser uma pessoa manipuladora desde o início da obra, quando descreve Vittoria como uma espécie de monstro. No entanto, isso se torna mais evidente no episódio na diretoria da escola de Giovanna, em que diz exatamente o que a diretora quer ouvir para evitar que Giovanna seja punida. Isso se torna ainda mais explícito quando ele diz à filha “tome isso como uma lição. É possível enquadrar qualquer pessoa. Pode ter certeza de que, pelo resto dos anos de escola, aquela mulher sempre ficará do seu lado” (Ferrante, 2020, p.281).

Roberto, por sua vez, utiliza os mesmos mecanismos de Andrea para conseguir o que deseja: se aproveita da devoção de Giovanna para manipulá-la através de suas habilidades discursivas. Um exemplo disso é quando Giovanna diz que não quer ir ao jantar e ele diz “Você parece ser daquelas pessoas que sempre acham que vão se entediar, mas depois nunca se entediam” (Ferrante, 2020, p.375).

O que me surpreendeu nessa frase foi o tom. Ele a pronunciou não de maneira coloquial, mas com uma tonalidade que eu o ouvira usar apenas uma vez, na igreja: a tonalidade quente e cheia de convicção que deslumbrava, como se soubesse mais

sobre mim do que eu mesma. Quebrou-se, então, o equilíbrio que, mal ou bem, havia durado até aquele momento. Eu realmente me entedio — pensei com raiva —, você não sabe quanto me entedio, não sabe quanto me entediei e estou me entediando. Errei ao vir até aqui por você, só acrescentei desordem à desordem, apesar da sua gentileza, da sua disponibilidade. No entanto, exatamente quando aquela raiva revolvía dentro de mim, tudo mudou. Quis que ele não estivesse enganado. Em algum canto do cérebro, tomou forma a ideia de que Roberto tinha o poder de esclarecer e desejei que, a partir daquele momento, ele — só ele — me indicasse o que eu era e o que eu não era (Ferrante, 2020, p.375).

Percebemos que o mesmo ocorre com Giuliana, quando ela confessa a Giovanna que ela acha que não conseguiria viver sem Roberto:

sim, ele gosta de mim, mas eu gosto muito mais dele porque ele mudou minha vida, me tirou de repente do lugar em que eu estava destinada a ficar e me pôs ao seu lado, e agora só posso ficar lá, entende, se ele mudar de ideia e me afastar, não saberei mais ser eu mesma, não saberei nem mesmo quem eu sou; já ele, ele sempre soube quem é, já sabia quando criança, eu me lembro, você não pode imaginar o que acontecia quando ele simplesmente abria a boca, você viu o filho do advogado Sargente, Rosario é malvado, ninguém pode encostar em Rosario, mas Roberto o encantava como uma serpente e o transformava em uma pessoa tranquila, se você nunca viu essas coisas, não sabe o que é Roberto, eu vi várias delas, e não apenas com pessoas como Rosario, que é um tolo, pense na noite de ontem, ontem eram todos professores, eram os melhores dos melhores, mas você percebeu, estavam lá por causa dele, foram tão inteligentes, tão educados, só por causa dele, senão se estrangulavam, você deveria ouvi-los assim que Roberto desvia o olhar, invejas, maldades, palavrões, obscenidades; de maneira que, Gianni, não existe paridade entre nós, se eu morresse agora, dentro deste trem, ah, claro, Roberto ficaria triste, Roberto sofreria, mas depois continuaria a ser o que é, já eu, não falo de ele morrer — nem posso pensar nisso —, mas se ele me deixasse — você viu como todas as mulheres olham para ele, e viu como elas são bonitas, inteligentes, e quantas coisas sabem —, se ele me deixasse por uma delas — Michela, por exemplo, que está ali só para falar com ele, não dá a mínima para as outras pessoas presentes, ela é importante, sabe-se lá o que vai se tornar, e justamente por isso o quer, porque com ele pode se tornar até, sei lá, presidente da república —, se Michela tomasse o lugar que agora é meu, Gianni, eu me mataria, teria de me matar porque, mesmo que eu vivesse, viveria sem ser mais nada (Ferrante, 2020, p.389).

Apesar desse desabafo de sua amiga, revelando uma possível dependência emocional em relação a Roberto no caminho de volta para casa, enredada por sua paixão por Roberto e pela oportunidade de encontrá-lo sem Giuliana, Giovanna retorna a Milão com o desejo de concretizar suas expectativas amorosas e sexuais. No entanto, fica dividida:

Eu estava indo traí-la, estava indo pegar para mim o homem que ela amava. Eu, muito mais sorrateiramente do que Michela, queria expulsá-la do lugar que Roberto lhe oferecera ao seu lado, queria destruir sua existência. E me sentia autorizada a fazê-lo porque um jovem que me parecera extraordinário, mais extraordinário do que eu considerava meu pai quando ele deixou escapar que eu estava ficando a cara de Vittoria, dissera que, ao contrário, eu era muito bonita. Mas naquele momento [...] justamente por não ter nenhuma intenção de deixar que nada me detivesse, meu rosto só podia ser o molde do rosto de Vittoria. Ao traír a confiança de Giuliana, eu de fato me tornaria igual à minha tia quando ela destruiu a vida de Margherita e, por que não, como seu irmão, meu pai, quando ele destruiu a vida da minha mãe. Senti-

me culpada. Eu era virgem e, naquela mesma noite, queria perder a virgindade com a única pessoa que havia me atribuído, graças à sua enorme autoridade de homem, uma nova beleza. Parecia um direito meu, eu entraria daquela maneira na idade adulta. Mas, ao descer do trem, eu estava assustada, não queria me tornar grande daquela maneira. A beleza que Roberto reconheceu em mim se parecia demais com a beleza de quem faz mal às pessoas (Ferrante, 2020, p.400).

Ao chegar à casa de Roberto, Giovanna e ele jantam juntos. Segundo ela, ele falava como se precisasse dela para esclarecer as ideias sobre o tema no qual ele estava trabalhando e ela tivesse pegado o trem justamente para escutá-lo, sentindo-se a mulher que ele precisava. Giovanna também enfatiza que Giuliana não foi mencionada em nenhum momento, nem mesmo quando ele lhe dá a pulseira e que “parecia que [Roberto] a apagara [Giuliana] de sua vida” (Ferrante, 2020, p.403). Isso faz com que a protagonista se questione “Como era possível que naquele momento ela parecesse estar morta, eu estava ali e ela não mais? Será que é tão fácil — pensei — morrer justamente na vida das pessoas sem as quais não podemos viver?” (Ferrante, 2020, p.403).

Desanimada, Giovanna diz a Roberto que está muito cansada e assustada e ele responde que ela pode “dormir” com ele. No entanto, ela percebe que:

As minhas palavras e as suas não conseguiram se unir, pareciam duas falas encadeadas, mas não eram. Nas minhas, havia precipitado a loucura daquela viagem extenuante, o desespero de Giuliana, o medo de cometer um erro imperdoável. Nas dele, havia o ponto de chegada de um alusivo dar voltas em torno da dificuldade de abrir o sofá-cama. Assim que eu me dei conta, respondi:

— Não, eu me viro assim mesmo.

E, como demonstração, deitei-me no sofá toda encolhida.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Por que você voltou? — perguntou ele.

— Não sei mais.

Passaram alguns segundos, ele em pé, olhando-me do alto com simpatia, eu no sofá, que o olhava de baixo para cima, confusa. Ele não se curvou sobre mim, não me acariciou, disse apenas boa noite e foi para o quarto (Ferrante, 2020, p.404)

Essa situação faz com que ela perceba que Roberto é tão manipulador quanto Andrea, figura paterna que ela tanto rejeita. É possível, com isso, traçar um paralelo com a análise de Bourdieu (2023) na obra *A dominação masculina*, em que evidencia as diferenças assimétricas entre os homens e as mulheres; enquanto os homens são incentivados a participar de “jogos” de dominação para manter a sua virilidade, as mulheres devem aceitar serem subordinadas deles. Para o sociólogo, “a socialização diferencial predispõe os homens a amar jogos de poder e as mulheres a amar os homens que o jogam” (Bourdieu, 2023, p.133). Pensando dessa forma, Giovanna percebe que participaria de uma espécie de jogo manipulativo de Roberto,

em que este enganaria e manipularia Giuliana assim como Andrea enganou Nella e Enzo enganou Vittoria.

Além disso, Giovanna percebe que queria ter uma espécie de amor elevado de Roberto, o que ela não conseguiria, pois Roberto a vê como uma distração em seus jogos de poder e não como uma mulher que poderia ter ao seu lado de fato:

queria me sentir muito mais do que um animalzinho gracioso, ou até mesmo muito bonito, com o qual um homem de grandes pensamentos pode se distrair brincando um pouco. [...] Tê-lo dentro de mim teria sido fácil, ele me penetraria até naquele momento, no sono, sem espanto. Ele estava convencido de que eu havia voltado para aquele tipo de traição, e não para traições bem mais ferozes (Ferrante, 2020, p.405).

Com essa ausência de consumação da traição, Giovanna quebra, de certa forma, a “sentença” profética de seu pai, diluindo a semelhança da protagonista com Vittoria. Mais do que isso: há um desmembramento da predefinição de seu destino.

De acordo com Mello (2021, p.145),

A identificação entre a sobrinha e a tia subverte a *Bildung* de Giovanna, na medida em que desloca os fundamentos de sua identidade da relação com os pais em direção a essa identidade ancestral, herdada, uma marca que se deposita sobre seus ossos, ao invés de deslocá-los direção à “si mesma” da personagem.

Com essa desassociação da comparação de sua identidade a da tia, Giovanna parece se sentir mais “dona” de seu destino. Assim, ao perceber que seus sentimentos giravam em torno de uma ilusão de Roberto e de uma possível correspondência desse, Giovanna retorna ao seu desejo de quebrar as expectativas de todos, mas não movida pelo desejo de degradar-se como anteriormente, e sim movida por uma vontade de tornar-se independente das expectativas alheias, experimentando novos caminhos.

4 A INDEPENDÊNCIA

Na seção anterior, vimos que Giovanna percebeu que a salvação que ela acreditava que Roberto poderia lhe proporcionar não existe, pois ele é tão imperfeito quanto os outros adultos que ela conhece (especialmente Andrea). Com isso, ela começa um caminho de auto aceitação, compreendendo que ela pode seguir seu próprio caminho sem necessariamente ter que atender às expectativas alheias. Aliás, ela decide justamente contrariar aquilo que as pessoas em volta esperavam dela.

Ao visitar a casa de Margherita em busca de Giuliana, Giovanna acaba encontrando Vittoria, que tenta “arrumar” a sobrinha de modo que ela valorizasse seu corpo e diz que ela deve ter prudência ao escolher com quem ela deve ter relações sexuais.

Mas lembre-se: essa aqui — tocou delicadamente, por uma fração de segundo, entre minhas pernas —, essa aqui, eu já disse mil vezes, cuide muito bem dela. Avalie os prós e os contras antes de dá-la, ou você não vai chegar a lugar algum. Aliás, ouça bem: se eu souber que você deu à toa, conto para o seu pai e juntos matamos você a pauladas (Ferrante, 2020, p.420).

No dia seguinte, ao receber uma ligação de Rosário dizendo que queria encontrá-la, Giovanna afirma que não fez nada do que Vittoria havia aconselhado e foi encontrá-lo. Ela decide aceitar o convite dele para “passar” no seu apartamento, o que faz com que ela reflita

Pensei que, dali a cinquenta anos, se eu e Roberto fôssemos muito mais amigos do que naquele momento, eualaria daquela tarde para que ele a explicasse para mim. Ele sabia dar sentido a tudo o que fazíamos, era o seu trabalho, e, segundo meu pai e Mariano, ele era bom no que fazia (Ferrante, 2020, p.426).

Assim como seu contato íntimo com Corrado, a cena sexual de Giovanna e Rosario beira ao grotesco, desconstruindo todo o romantismo esperado da perda de uma virgindade: “éramos ambos feios, ainda bem que não havia espelhos”. Afinal, conforme Bourdieu (1998, p.40), comumente se associa a sexualidade feminina a um momento de afetividade e que pode incluir um amplo leque de atividades como tocar e acariciar. Giovanna, no entanto, dispensa tudo isso, a contragosto de Rosario.

— Também vou tocar um pouco em você — disse ele com a voz levemente rouca.
 — Não — falei —, você não sabe como fazer e vai me machucar.
 — Sei fazer muito bem.
 — Obrigada, Rosà, você é gentil, mas não confio.
 — Gianni, se eu não tocar um pouco em você, depois você vai mesmo sentir dor.
 (FERRANTE, 2020, p.429)

Apesar da penetração de Rosario ser dolorosa fisicamente, isso não frustra Giovanna,

que diz para o parceiro que “era assim mesmo que eu queria fazer” (Ferrante, 2020, p.431), voltando para sua casa alegre. Pelo contrário, quem sai frustrado é Rosario, que a leva para casa chateado, parecendo arrependido de ter deixado Giovanna controlar a situação.

Um dia antes, Giovanna havia pedido para Corrado prometer que se ela realmente fizesse sexo com Rosario, ele fosse contar para Vittoria e Andrea. Essa postura da protagonista expõe que ela deseja demonstrar para Vittoria e Andrea que ela não seguirá o caminho e as expectativas propostas por eles.

O livro se encerra com um *cliffhanger*, em que Giovanna diz que ela e Ida vão para Veneza encontrar Tonino (filho de Margherita, que a essa altura não namora mais Angela), dizendo para si mesmas que se tornariam adultas “como jamais havia acontecido com nenhuma outra mulher” (Ferrante, 2020, p.431). Isso reforça a ideia de que a protagonista seguiu seu caminho em busca de uma nova identidade em rótulos que não a limitaram, apesar de termos pouquíssimas informações sobre qual momento de sua vida ela está quando narra a história. Sabemos apenas que ela escapou para longe e continua a escapar nas linhas que tentam lhe dar uma história. No entanto, conforme ela explica logo no primeiro capítulo, a “dor embaralhada” ainda a persegue a ponto de ela não conseguir dizer se há redenção ou não. Esse destino indefinido de Giovanna nos faz pensar que essa “fuga” é uma ausência de fechamento para situações deixadas em aberto com seus fantasmas do passado e, ao mesmo tempo, uma forma de seguir em frente convivendo com essas dores, ou seja, permitindo-se senti-las, apesar de racionalmente elas terem ficado para trás.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou entender a evolução de Giovanna ao longo da narrativa e se há uma emancipação de sua identidade ao final do romance, contribuindo para os debates em torno das protagonistas ferrantianas e seus conflitos internos. Para se atingir uma interpretação de como certas fases da narrativa moldaram o desenvolvimento de sua individualidade, definiram-se objetivos específicos: no primeiro, apresentamos as fases de formação da personalidade de Giovanna, as analisamos e percebemos que a desilusão em torno de sua família e sua paixão por Roberto contribuíram para a formação de uma nova face para Giovanna, chegando a conclusão de que, apesar do *cliffhanger* no encerramento e de logo nas primeiras linhas a protagonista afirmar que, os indícios apontam que Giovanna conseguiu aprender a conviver com seus fantasmas, mesmo sabendo que eles nunca irão embora completamente: após buscar uma salvação das características e expectativas que ela considerava ruins em seus familiares e em Roberto, chega à conclusão de que, mesmo não podendo parar o crescimento, é possível que sua nova identidade não dependa das expectativas alheias. Ou seja, Giovanna “venceu”, em boa medida.

Como foi necessária uma análise de um romance completo em apenas um recorte, o aprofundamento da confiabilidade da narradora (no caso, Giovanna) se tornou superficial. Recomenda-se que, se possível, sejam feitas pesquisas em torno da modulação utilizada por Giovanna para “seduzir” o leitor.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 22ª edição. Rio de Janeiro: Difel, 2023.
- Cavanaugh, Jillian R. Indexicalities of Language in Ferrante's Neapolitan Novels: Dialect and Italian as Markers of Social Value and Difference. In: BULLARO, Grace Russo; LOVE, Stephanie V. (orgs.). **The Works of Elena Ferrante: Reconfiguring the Margins**. Nova York: Palgrave Macmillan US, 2016.
- Ferrante, Elena. **A amiga genial**. 1ª edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.
- Ferrante, Elena. **A vida mentirosa dos adultos**. (Tradução de Marcello Lino). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. 5304 posições.
- Ferrante, Elena. **Frantumaglia**: os caminhos de uma escritora. Rio de Janeiro, 2017. Livro eletrônico.
- Ferrante, Elena. **História da menina perdida**. 1ª edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- Ferrante, Elena. **História de quem foge e de quem fica**. 1ª edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016b.
- Ferrante, Elena. **História do Novo Sobrenome**. 1ª edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016a.
- Ferrante, Elena. **I giorni dell'abbandono**. Roma: E/O, 2002.
- Ferrante, Elena. **La figlia oscura**. Roma: Edizioni E/O, 2006
- Ferrante, Elena. **L'amore molesto**. Roma: Edizioni E/O, 1992
- Mello, Luiza Larangeira da Silva. Descida ao inferno: identidade, mobilidade e formação em "A vida mentirosa dos adultos", de Elena Ferrante. **Revista Fênix**, [s.l.], 2021, v.18, n.1, p.131-154. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1054>. Acesso em: 16 dez. 2023.